

UM SALTO DE AUTOCONSCIÊNCIA

Apontamentos da síntese de Julián Carrón na Assembleia de responsáveis de Comunhão e Libertação em Itália

Pacengo di Lazise (Verona), 11 de março de 2018

Haja o que houver

Canção de Maria Chiara

«Nos nossos olhos os factos, nas nossas mãos os códigos», dizia Santo Agostinho (*Sermão 360/B,20: Sermo sancti Augustini cum pagani ingrederentur*). Neste momento, o sinal mais evidente se tivemos ou não nos olhos os factos que provam a presença viva de Cristo é a forma como recitámos os Salmos (os códigos). Com os factos nos olhos, estes falam-nos com uma densidade e uma profundidade que de outra forma nos escapariam. O Salmo 45 que acabámos de recitar é quase uma síntese de tudo quanto vivemos e dissemos nestes dias. Quem sabe o que terá experimentado a pessoa que o escreveu, que experiência de Deus terá tido! Tendo de enfrentar os desafios da vida, não pôde olhar para eles a não ser com o Senhor nos olhos. «Deus é o nosso refúgio e a nossa força, / auxílio sempre pronto na adversidade. / Por isso, nada receamos, ainda que vacile a terra, / e os montes se precipitem no fundo do mar, / ainda que se encrespem e refervam suas águas, / e estremeçam os montes com sua fúria. / [...] [Mas] / a mais santa das moradas do Altíssimo / [...] [é] inabalável», porque «Deus está no meio dela» («Salmo 45», em *Livro das horas*, pp. 40-41).

Esta certeza não vem ao de cima olhando para a vida da janela, mas deixando-nos desafiar por cada abalo da terra. Assim, de cada vez que uma pessoa se apercebe dum choque do real, pode reconhecer: «O Senhor dos Exércitos está connosco, / o Deus de Jacob é a nossa fortaleza. / Vinde e contemplai as obras do Senhor, / as maravilhas que realizou na terra». Tudo faz parte da estrada para O conhecer. Só enfrentando as dificuldades, os desafios e as circunstâncias concretas é que se pode reconhecer um Outro em ação: «Rendei-vos e reconhecei que Eu sou Deus, / triunfo das nações e domino a terra» (*ivi*). Não é uma definição vazia, mas uma realidade de tal forma presente que se torna evidente o quanto mais poderoso é o desafio. Se o nosso caminho não é este, ou seja, se não é uma verificação, a nossa fé terá um prazo de validade, mais cedo ou mais tarde irá diminuir, não porque iremos fazer alguma coisa de particularmente contrário a ela, mas porque

prevalecerá o medo, a um certo ponto prevalecerá outra coisa em vez da Sua presença.

Então, com estas palavras do Salmo nos olhos, podemos olhar para o que vivemos.

A VERIFICAÇÃO DA FÉ: O CRESCIMENTO DO EU

Arrancámos na sexta-feira à noite recordando, com Dom Giussani, que «no início [...] procurava-se construir sobre alguma coisa que estava a acontecer e que nos tinha revestido». Estando consciente de que a muitos de nós esta atitude parece ingénuo, não realista, Dom Giussani desafia-nos: «Por mais ingénuo e descaradamente desproporcional que esta posição fosse, era uma posição pura»; e acrescenta: «Por a termos como que abandonado, tendo-nos agarrado a uma posição que foi acima de tudo, diria eu, uma “tradução cultural” [por termos preferido medir a nossa presença em termos de consequências tiradas por nós] em vez do entusiasmo por uma Presença, nós não conhecemos [...] Cristo [...] porque não nos é familiar» (*Una strana compagnia*, BUR, Milão 2017, pp. 88-89).

Como recordámos na Jornada de início de ano, Dom Giussani indica um critério para verificar se no nosso caminho estamos a conhecer verdadeiramente Cristo: o ponto de partida com que entramos no real. «O ponto de partida do cristão é um Acontecimento», como vimos no Salmo: diante de qualquer abalo, o ponto de partida é sempre um Acontecimento. A alternativa é muito simples: quem não parte do Acontecimento, como é que entra no real? «O ponto de partida dos outros é uma determinada impressão das coisas» («Avvenimento e responsabilità», *Tracce*, n. 4/1998, p. III), uma impressão, por exemplo, um abalo.

Nestas semanas, as eleições foram uma ocasião para verificar a fé: ou seja, pudemos ver se o nosso ponto de partida para enfrentar esta circunstância foi um Acontecimento ou a nossa impressão. Cada um de nós assumiu uma atitude, fez uma escolha, e agora pode verificar o que prevaleceu nele. Vimos que em muitos italianos prevaleceu «uma determinada impressão das coisas». Muitos ficaram em casa, porque neles venceu a desconfiança ou o desencorajamento; pensaram: «Não há nada a fazer». Noutros, como os resultados também mostram, surgiu o medo ou a zanga. Como dizia ontem um de vocês, a questão é o que é que exprimem estas tentativas. Podemos abster-nos de ajuizar, posicionando-nos fora de jogo, ou procurar perceber o que está por trás, o que é que trazem ao de cima estas tentativas através das quais muitos procuraram responder a alguma coisa que os impressionava, muitas vezes sem conseguirem captar a sua densidade. Como dizia quem interveio no início da assembleia, esta impressão traduziu-se em imagens de resposta que são expressão de um vazio existencial - de uma «insegurança existencial», diria Dom Giussani. Mas esta é já a primeira verificação de que uma pessoa partiu do Acontecimento: se consegue ultrapassar a superfície, captar a natureza verdadeira, última, do

problema, se é capaz de ajuizar o limite da resposta, reconhecendo que não é adequada. Relembro sempre o exemplo da rapariga catalã e do Referendo – não foi necessário para ela fazer um curso em Harvard para esclarecer as ideias: o sinal mais evidente de que era determinada por um Acontecimento e não pela impressão, pela ideologia em que nascera e na qual se encontrou mergulhada durante anos, foi a forma como conseguiu desmascarar de um golpe a pretensão totalizante da ideologia. A primeira verificação da fé é representada pela capacidade de ver: de ver o real.

No que dissemos temos uma exemplificação do que é que pode responder à situação atual: este é «o tempo da pessoa», dizia Dom Giussani. E a verificação da fé vê-se, como se viu ontem, precisamente no crescimento humano de pessoas que não se deixaram determinar pela desconfiança ou pela zanga ou pelo medo, mas se moveram tendo como ponto de partida um Acontecimento, que deu a cada uma um olhar mais verdadeiro sobre o real. Foi isto que assinalou a reviravolta: estivemos disponíveis para apostar tudo no caminho que estamos a fazer, o qual tem como verificação, como prova da sua verdade, o crescimento do nosso eu.

No suplemento *la Lettura*, do *Corriere della Sera* de Domingo passado, havia um artigo que descrevia a situação em que nos encontramos: «O que é que distingue hoje a civilização ocidental das outras? O cansaço moral, talvez. A causa principal da crise cultural de uma civilização é a perda das convicções, o enfraquecimento das instituições», ou seja – ao fim e ao cabo – uma incapacidade de ver: já não se veem com clareza as coisas elementares, graças a um enfraquecimento do sujeito, que tem como consequência tudo o resto. Qual é o risco? O jornalista respondia: «O risco é [...] [a] tribo», ou seja, dito de forma resumida, o facto de nos fecharmos para nos defendermos do medo. E «então ao medo que paralisa» é preciso contrapor – exprimia-o na sua linguagem - «a coragem de criar novos e autênticos cidadãos», porque aquilo que é «preocupante», como assinala o artigo, é o «deficit educativo e um deterioramento antropológico» (D. Breschi, «...ou identidade cultural», *la Lettura - Corriere della Sera*, 4 de março 2018). O grande desafio é educativo, diz respeito acima de tudo e em última instância à educação.

A PESSOA: UMA CONSTANTE DA NOSSA HISTÓRIA

Eu desejo que aquilo que estamos a viver, que é antes de mais – como dizíamos no início – uma experiência, nos permita perceber melhor e finalmente, como um passo de autoconsciência, aquilo que Dom Giussani nos disse insistentemente, em várias ocasiões, durante um grande período de tempo.

«O início do movimento [nos primeiros dez anos] era dominado [tudo] pelo problema da pessoa! E a pessoa é um indivíduo, a pessoa é um indivíduo que diz “eu”. Só nós é que dissemos,

durante tanto tempo – um pouco preocupados de exagerar -, que o eu é a autoconsciência do cosmos, ou seja, que toda a realidade é feita para o homem. Ao criar o mundo, Deus [...] tinha como objectivo a afirmação da pessoa. [...] “Criei [tudo] para que aí existisse uma criatura que tomasse consciência do facto de que eu sou tudo”. [...] Os primeiros anos, a primeira dezena de anos, antes do 68 trazer uma grande rebelião, colocando afanosamente como tema não tanto o eu, mas a sua ação na sociedade, a conquista do poder [...], antes do 68 [...] o tema com o qual iniciava sempre os Exercícios [...] era constituído por uma frase de Jesus [...]: “De que vale ao homem ganhar o mundo inteiro, se se perder a ele mesmo?”» (L. Giussani, *In cammino. 1992-1998*, BUR, Milão 2014, pp. 337-339). Os primeiros dez anos foram dominados por esta consciência.

Em 1972, pouco depois da rebeldia de 68, diz: «Chegou [...] um momento muito grave para o nosso movimento: é um momento em que o nosso movimento já não pode tolerar, nem mais um minuto sequer, uma posição associacionista, associativista. Chegou o momento em que já não podemos subsistir - no sentido de que já não nos podemos aceitar - se as coisas não nascerem da vida, [...] de baixo como vida mudada». É impressionante que tenham de ser os nossos filhos, como contou o amigo que interveio ontem, a recordar-nos isso. Continua Giussani: «O desastre da contestação pôde acontecer, porque o valor da autoconsciência ainda não tinha sido despoletado [atenção ao que ele diz logo a seguir, parece ser o culminar da mais absoluta ingenuidade!], e só se salvaram [do desastre] os que, no fundo, tinham a ingenuidade da Samaritana e de Zaqueu» (*Luigi Giussani. A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, p. 451-452). Faz-nos ficar sem palavras!

Em 1992 Giussani volta à carga: «O nosso primeiro interesse é [...] o nosso próprio sujeito. O nosso primeiro interesse é que o sujeito humano seja constituído, [...] que eu perceba o que ele é e que tenha consciência dele [que tenha uma consciência verdadeira de mim]» (*In cammino*, op. cit., p. 99). Foi esta a sua primeira preocupação.

E mais uma vez, em 1998, volta à frase de Jesus sobre ganhar tudo e depois perder-se a si mesmo, reiterando que «de 68 em diante diminuiu um pouco, mas agora retomámo-la, porque o resultado da política ou da “revolução” [ou seja, de termos desviado a nossa atenção para a política; no início citámos a sua expressão: «Tendo-nos posicionado numa [...] “tradução cultural” em vez do entusiasmo por uma Presença»] fez-nos ver as consequências extremas de uma falta de consciência, de autoconsciência do eu» (*ibidem*, p. 339). Os factos que aconteciam faziam-nos entender com cada vez maior clareza esta falta de autoconsciência como a coisa mais problemática. Pensando em tudo o que estamos a viver, desejo que isto possa servir também para nós, para darmos um salto na consciência daquilo que somos.

Por mais de quarenta anos, foi este o ponto de partida de Dom Giussani. «No tempo que

vivemos chegámos como que à costa arenosa de uma aridez, de um deserto humano, onde o sujeito da pena é o eu: não a sociedade, mas o eu [ontem ouvimos o nosso amigo sacerdote falar dos suicídios entre os adolescentes!], porque para a sociedade matam-se também todos os “eu” possíveis e imagináveis. Enquanto para nós a sociedade nasce da existência do eu [como vimos: muitos “eus” se mexeram nestes tempos – por ocasião do Banco Alimentar, das eleições, etc. -, “eus” que geraram “sociedade”]. «Gerai e multiplicai-vos», ordenou Deus a Adão e Eva: mas a natureza da tarefa de Adão e Eva, do terem sido criados como personalidades individuais, é uma companhia entre eles: o homem não pode viver, não pode conhecer, alimentar-se a si mesmo, senão em companhia de um outro, no encontro com um outro [como veremos depois]. Estamos, dizia eu, como sobre a areia, sobre a costa arenosa de um colapso terrível na vida social» (*ibidem*, pp. 340-341). Dizia isto em 1998.

Neste contexto, como é que se faz para subsistir? «Como é que se faz então para resistir? Como é que se faz para apresentar uma alternativa [...] [a este] predomínio do poder?». A indicação de Dom Giussani é clara: «O único recurso para travar a invasão do poder está naquele vértice do cosmos que é o eu [...]. O único recurso que nos resta é retomar com força o sentido cristão do eu. Falo do sentido “cristão” não devido a um preconceito, mas porque é apenas, com efeito, o discurso de Cristo, a atitude de Cristo, a concepção de Cristo, a concepção que Cristo tem da pessoa humana, do eu, é apenas isso que explica todos os factores que nós sentimos impetuosos dentro de nós, surgir em nós, graças aos quais [...] nenhum poder poderá esmagar o eu enquanto tal, impedir o eu de ser eu» (*ibidem*, pp. 341-342). Deste eu nasce, depois, uma sociedade.

«O sublinhar do valor do eu», continua Dom Giussani, «foi não só a razão de um aprofundamento, de um desenvolvimento da religiosidade como categoria fundamental do eu, mas também a origem fascinante da relação com todos os níveis do conhecimento, a origem da leitura da experiência humana tal como é feita pelos homens mais geniais, mais dotados de [...] sensibilidade» (*ibidem*, pp. 342-343), como Leopardi, o autor que captou verdadeiramente, como poucos outros, o que é o eu.

Já em 1990 Giussani afirmava: «Quanto mais os tempos são duros, tanto mais é o sujeito que conta [...]. Aquilo que conta é o sujeito, mas o sujeito [...] é a consciência de um acontecimento, o acontecimento de Cristo, que se tornou história para ti através de um encontro, e tu reconheceste-o» (*Un evento reale nella vita dell'uomo. 1990-1991*, BUR, Milão 2013, p. 39). Para quem se dá conta de qual é a urgência (como o jornalista do *Corriere* citado), o problema é como fazer surgir sujeitos novos. Dom Giussani continuava: «Devemos colaborar, ajudarmo-nos a fazer surgir sujeitos novos, ou seja, pessoas conscientes de um acontecimento que se torna história para eles, caso contrário podemos criar redes organizativas, mas não construímos nada, não damos nada de

novo ao mundo. Por isso, aquilo que mede o crescimento do movimento» não são os resultados, os resultados do nosso fazer, mas «a educação à fé da pessoa [esta é a medida: o crescimento da fé da pessoa, que coincide com o crescimento da sua autoconsciência]: reconhecimento de um acontecimento que se tornou história. Cristo tornou-se história para ti [...] faz parte do teu ser» (*ivi*). Se Ele não fizer parte do nosso ser, não estiver dentro das pregas do nosso ser, enfrentaremos a vida a partir das nossas impressões, não de um Acontecimento.

O MÉTODO: SEGUIR O ACONTECIMENTO

A verdadeira questão para cada um de nós, o salto de consciência através de tudo o que estamos a viver, é então perceber cada vez melhor que o método que Giussani nos confiou consiste no próprio acontecimento que se dá, no «acontecimento de Cristo, que se tornou história para ti através de um encontro» (*ivi*). Só seguindo este acontecimento podemos ser gerados como «eu», como sujeitos capazes de oferecer alguma coisa de novo ao mundo, porque «ninguém gera, se não é gerado» (L. Giussani, «La gioia, la letizia, l'audacia. Nessuno genera se non è generato», *Tracce*, n. 6/1997, p. IV). Dom Giussani recordava-nos sempre que «a nossa companhia é definida por um método. Pode afirmar-se que a “genialidade” do nosso movimento está toda no seu método [...]. É precisamente salvaguardando a autenticidade do método que o conteúdo da nossa experiência pode ser transmitido» (L. Giussani, *Dalla fede, il metodo*, [1993], agora na *Tracce*, n. 1/2009, p. II). A questão crucial, portanto, se quisermos passar da intenção à realização, é responder ao método, salvaguardar a autenticidade do método. É aquilo que sublinhámos em muitas ocasiões nestes anos, falando da «história particular» como chave da concepção cristã, da qual tivemos uma prova, também nos diálogos de ontem.

Qual é, com efeito, «a atitude mais razoável diante do acontecimento cristão»? O seguimento. Eis as duas vertentes do método: acontecimento e seguimento. O acontecimento suscita o *seguir*. Este «método», observa Dom Giussani, «tem como origem o “choque” com uma presença imprevisível e grande, que a razão reconhece literalmente como “sobre-humana”». O seguimento tem «origem na fé, que é o reconhecimento na própria vida de uma presença excepcional que tem a ver com o destino», que constantemente nos atrai, nos fascina. «A fé consegue revestir todo o horizonte da vida [do dia-a-dia às eleições, às necessidades, à doença, precisamente] através da relação com uma presença que corresponde ao coração». E a verificação da capacidade da fé de transformar a vida cumpre-se no real, através da modalidade com que enfrentamos – cada dia, cada instante – as circunstâncias, quando acontece um imprevisto, quando alguma coisa corre mal, ou quando corre às mil-maravilhas e porém não basta, porque «fora do encontro com uma presença excepcional é impossível fugir à trágica constatação: “Não há nada de novo debaixo do

sol”». É só no confronto com o real que nos damos conta se, desde o início do dia, o nosso ponto de partida é o Acontecimento, ou outra coisa qualquer.

A verdadeira luta consiste precisamente nisto: seguir um acontecimento ou seguir a nossa análise. Agora podemos entender de forma mais consciente a frase de Dom Giussani que repetimos há anos: «A cultura de hoje considera impossível conhecer, mudar-se a si mesmo e à realidade “apenas” seguindo uma pessoa», porque «a pessoa, na nossa época, não é contemplada como instrumento de conhecimento e de mudança, sendo entendidos, de forma redutiva, o primeiro como reflexão analítica e teórica, e a segunda como práxis e aplicação de regras». De onde é que esperamos o conhecimento e a mudança? De uma genialidade analítica, por isso temos sempre de recorrer aos especialistas. É por isso que levaremos para a tumba a alternativa indicada por Giussani: «Pelo contrário, João e André, os primeiros que embateram em Jesus, foi precisamente seguindo aquela pessoa excepcional que aprenderam a conhecer de maneira diferente e a mudarem-se a si mesmos e à realidade. Desde o momento daquele primeiro encontro, o método começou a desenvolver-se no tempo» (*ibidem*, pp. III-V).

Como veem, a alternativa é radical. É esta escolha que se joga em cada ocasião na cultura atual; e também para nós, como membros desta cultura, a tentação é a análise, é afastarmo-nos do acontecimento para conhecermos e mudarmos a nós próprios e às coisas. É como se, diante dum acidente na estrada, a criança deixasse de olhar para o pai que observa o acidente (como dizíamos na sexta-feira à noite): não seria capaz de estar diante daquele acontecimento sem medo, prevaleceria uma impressão de terror. Dizia-me ontem uma de vocês que o seu filho não conseguiu entrar no quarto de um jovem amigo seu, morto, enquanto ela não chegou; com ela, entrou. Mas isto diz respeito apenas às crianças e aos jovens? Infelizmente, nós pensamos que isto é ingénuo e portanto, como Kant, dizemos: a relação com uma presença é necessária às crianças, mas nós que chegámos à maioridade, podemos viver sem ela.

UMA TENTAÇÃO SEMPRE À ESPREITA

Qual é, então, a tentação? A tentação de «“nos afastarmos” deste seguimento, devido à presunção [reparem!] de sabermos já aquilo que nos é pedido seguir. Assim, cai-se na parcialidade, na recusa da correção, no suspender da tensão para a realização». Por isso, continua Dom Giussani, «a incorreção grave é suspender o método, pensando substituí-lo pela nossa própria capacidade» (*ibidem*, p. VII), como pensava Kant. Esta é uma tentação sempre à espreita. O próprio Jesus a denuncia: «Ai de vós, doutores da Lei, porque vos apoderastes da chave do conhecimento [tomaram posse dela]; vós próprios não entrastes e impedistes a entrada àqueles que queriam entrar!» (*Lc 11,52*). Não há outra chave para o conhecimento senão o espanto, aquele

espanto de João e de André: «Pelo contrário, João e André [...] seguindo aquela pessoa excepcional, aprenderam a conhecer de maneira diferente e a mudarem-se a si mesmos e à realidade». O Papa comentava assim a frase de Jesus: «Perderam a chave da inteligência porque perderam o sentido da proximidade de Deus» (Francisco, *Homilia em Santa Marta*, 19 de outubro de 2017), ou seja, afastaram-se de Deus, da Sua presença histórica.

Esta é a consequência de não responder ao método do início (o método que pertence ao próprio acontecimento - acontecimento e seguimento), do afastar-se dele em nome do já sabido. Trata-se de uma tentação sempre à espreita para cada um de nós, como o foi para Pedro. Ele diz a Jesus a coisa maior que um ser humano poderia ter dito: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo», tanto que O ouviu responder-lhe: «És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está no Céu» (*cf. Mt 16,16-17*). Mas um instante depois, cai na tentação, faz o teste de como não percebeu o sentido daquela frase que ele mesmo disse a Jesus – tal como nós fazemos depois de termos pronunciado algumas frases de Dom Giussani. Jesus disse-lhe: «Vamos para Jerusalém, porque o Messias tem de sofrer e ser morto». «Deus te livre, Senhor! Isso nunca te há-de acontecer»; em nome do já sabido, Pedro faz Jesus sentar-se no banco dos réus; um instante depois de O ter reconhecido como Filho de Deus, põe-se a recriminá-Lo. E Jesus: «Afasta-te de mim, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens» (*cf. Mt 16,21-23*). Ainda bem que há sempre Jesus que nos retoma e nos volta a meter na estrada, porque nós logo na primeira curva saímos da estrada. Qual é a condição para nos voltar a meter na estrada? Que Ele possa ficar presente como presença, uma presença que nós seguimos. «Pensem em João e André: durante toda a sua vida, o presente mais presente foi o presente daquele dia. Não há nada de comparável [àquele dia], excepto o renovar-se daquele dia todos os dias das suas vidas» (L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, BUR, Milão 2011, p. 363).

Este é o espanto no qual também nós participamos: o renovar-se daquele dia em todos os dias da nossa vida, de tal forma que cada coisa que vivemos, cada coisa que enfrentamos, cada circunstância, é ocasião para vê-Lo em acção. Se o acontecimento de Cristo, o acontecimento do encontro com Ele, permanecesse confinado ao passado, já não poderia determinar o presente, nós seríamos definidos apenas pelas nossas impressões. Por isso, o renovar-se daquele dia em todos os dias dita a atitude a ter, que é aquela do primeiro dia: «A atitude moral, no caminho da fé, é a obediência», o «seguimento de uma presença excepcional encontrada», o seguimento daquele espanto. «A obediência constitui [...] a virtude própria do seguir» (*Dalla fede il metodo*, cit., p. VIII).

O TESTE: «QUEM ME SEGUE RECEBERÁ O CÊNTUPLO NESTA VIDA»

Mas o que é o seguir? Uma coisa que cada um tem de imaginar? Dom Giussani nunca nos deixou nesta ambiguidade. Portanto, o que significa seguir aquilo que nos aconteceu, aquela forma de ensinamento a que fomos entregues? «É preciso viver a conversão [como dissemos na Jornada de início de ano]: não a mim, mas àquilo que me foi dito» («Avvenimento e responsabilità», *Tracce*, n. 4/1998, p. VIII), ou seja, devemos seguir aquilo que o Senhor continua a dar-nos através daquilo que faz acontecer diante dos nossos olhos, como vimos nestes meses. Quem seguiu e segue esta modalidade, está, na forma de enfrentar a vida, a ser determinado por uma Presença que cada vez se torna mais familiar, de cuja verdade cada um faz a verificação. Jesus, com efeito, não nos disse apenas: «Sigam-me!». Juntamente a esta indicação, deu-nos também o critério para verificar se é razoável este seguir. Em que consiste a razoabilidade do seguir? No cêntuplo: «Quem me segue receberá o cêntuplo nesta vida» (*cf. Mt 19,29*); não o cêntuplo que tu imaginas, porque o cêntuplo prometido por Jesus é muito mais do que aquele que podes imaginar, é sem medida. Se fosse o cêntuplo que tu imaginas, seria sempre muito pouco para a capacidade da alma.

Querem saber se seguem? O teste foi sugerido diretamente por Jesus: verifica se, seguindo-O, vives o cêntuplo, ou seja, se estás mais contente, se és mais livre, se és mais capaz de não viver a lamentar-te, se consegues enfrentar todas as circunstâncias, boas ou más, com uma positividade última. Verificamos então se, seguindo Cristo, não perdemos a vida vivendo: porque com tudo aquilo que já sabemos, podemos tranquilamente perder a vida. O teste é este, não há engano possível: se se vive com mais entusiasmo, com mais interesse, tudo aquilo que acontece. Não se pode fazer batota. Tentem autoconvencer-vos de que estão a viver o cêntuplo! Impossível. Não se pode fazer batota!

Diante do vazio existencial, nós só podemos dar um contributo se formos capazes de colocar no real “alguma coisa” que possa responder àquele vazio. Mas é a partir daquilo que vivemos, não fazendo uma reflexão em abstracto, é por força daquilo que vivemos e do caminho que estamos a fazer – que brotou nestes dois dias, e foi lembrado por tudo o que foi dito até aqui – que se esclarece a tarefa que temos. Caso contrário, seremos inúteis para todos, e antes de mais para nós mesmos, porque não será o tempo que passa que nos ajudará a compreender o que estamos a fazer no mundo.

Então, diante dos desafios que nos encontramos a enfrentar – nós e a sociedade – o que é que podemos oferecer? São cada vez mais aqueles que esperam de nós uma luz que ilumine a sua estrada. «Os cristãos que saiam do armário», gritava das colunas de um jornal diário espanhol a jornalista Pilar Rahola. «Pode ser que nem todos tenham a sua fé, mas a sua fé torna-nos a todos melhores» (P. Rahola, «Beleza desarmada», *La Vanguardia*, 21 de maio de 2017). «Precisamos

de vocês»: dizem-nos isto muitas pessoas e de todas as maneiras. «Não precisamos das coisas que têm na cabeça, precisamos de vocês»; muitos estão interessados naquilo que temos de diferente de todos, uma diferença que nasce da experiência do carisma que nos foi dado e que chega aos outros através das circunstâncias, através de um encontro.

Poderemos verificar se cresce a autoconsciência da tarefa que temos pela forma como agiremos nos próximos tempos: cada um poderá ver se cresceu a autoconsciência e a clareza da tarefa pela maneira como meterá as mãos na massa, como enfrentará as dificuldades, como se interessará pelos necessitados, como reagirá diante dos desafios que terá pela frente. Ajudem-nos, com o testemunho recíproco, a clarificar cada vez mais a estrada. Penso sobretudo nos jovens, que com o iminente Sínodo o Papa está a colocar diante de todos como uma emergência: somos capazes de lhes comunicar alguma coisa à altura da sua pergunta, da sua inquietação? Conseguimos responder à necessidade que vimos surgir nas eleições, não à imagem de necessidade formulada um tanto ou quanto desajeitadamente, mas àquilo que está por trás e de onde surge aquela imagem? E antes ainda, conseguimos perceber autenticamente a sua natureza? Logo daqui se percebe, com efeito, se fazemos parte daquela “história particular”, cuja verdade é provada na geração de sujeitos capazes de interceptar com clareza a necessidade humana. Só quem percorreu a estrada para identificar a sua própria necessidade, encontrando e fazendo experiência daquilo que verdadeiramente lhe responde, é que pode entender também a necessidade dos outros, comunicando através da própria vida a Presença que abraça e muda a nossa humanidade, que «torna possível o impossível».

Terminamos então relendo a frase de Dom Giussani que escolhemos para o Manifesto da Páscoa, porque descreve de forma sintética o ponto original de tudo: «Desde o dia em que Pedro e João correram para o sepulcro vazio e depois O viram ressuscitado e vivo no meio deles, tudo se pode mudar. Desde então e para sempre, um homem pode mudar, pode viver, pode reviver. A presença de Jesus de Nazaré é como a seiva que, a partir de dentro – misteriosamente, mas certamente – torna verde outra vez a nossa aridez e torna possível o impossível: aquilo que não é possível para nós, não é impossível para Deus. De tal forma que uma humanidade nova apenas insinuada, para quem tem o olhar e o coração sinceros, se torna visível através da companhia daqueles que O reconhecem presente, Deus-connosco. Apenas insinuada humanidade, nova, como o tornar-se verde outra vez da natureza amarga e árida».